



**Universidade do Minho**

Escola de Psicologia

Ana Isabel Cécima Ferreira

**Perceção da Qualidade de Vida  
– Um estudo sobre a perceção de  
crianças e jovens em Lares de  
Infância e Juventude**



**Universidade do Minho**  
Escola de Psicologia

Ana Isabel Cécima Ferreira

**Perceção da Qualidade de Vida  
– Um estudo sobre a perceção de  
crianças e jovens em Lares de  
Infância e Juventude**

Dissertação de Mestrado  
Mestrado Integrado em Psicologia  
Área de Especialização em Psicologia da Justiça

Trabalho realizado sob orientação da  
**Professora Doutora Paula Cristina Martins**

outubro de 2013

Nome:

Ana Isabel Cácia Ferreira

Endereço electrónico: [anaisabelcacima@gmail.com](mailto:anaisabelcacima@gmail.com)

Telefone: 918314332

Número do Bilhete de Identidade: 13577524

Título dissertação:

Perceção da Qualidade de Vida – Um estudo sobre a perceção de crianças e jovens em Lares de Infância e Juventude

Orientador:

Professora Doutora Paula Cristina Martins

Ano de conclusão: 2013

Designação do Mestrado:

Mestrado Integrado em Psicologia

Área de Especialização em Psicologia da Justiça

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA DISSERTAÇÃO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE;

Universidade do Minho, \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

## Índice

<b>Agradecimentos .....</b>	<b>iii</b>
<b>Resumo .....</b>	<b>iv</b>
<b>Abstract .....</b>	<b>v</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>1</b>
<b>Método .....</b>	<b>4</b>
Participantes.....	5
Instrumentos.....	5
Procedimento.....	7
<b>Resultados .....</b>	<b>7</b>
<b>Discussão dos Resultados .....</b>	<b>13</b>
<b>Conclusões .....</b>	<b>16</b>
<b>Referências Bibliográficas .....</b>	<b>17</b>

## Índice de Tabelas

Tabela 1 .....	8
Tabela 2 .....	9
Tabela 3 .....	10
Tabela 4 .....	11
Tabela 5 .....	12
Tabela 6 .....	13

## **Agradecimentos**

À Professora Doutora Paula Cristina Martins pela sua orientação, por todo o tempo disponibilizado e pelo apoio que sempre deu ao longo do projeto.

Às técnicas da Equipa Multidisciplinar de Assessoria aos Tribunais, do Instituto de Segurança Social do Porto pelo interesse demonstrado no meu projeto de Dissertação e pela ajuda na definição da amostra e no estabelecimento de contacto com os Lares de Infância e Juventude, aquando do meu estágio naquela entidade.

A todas as crianças e jovens assim como aos seus respetivos cuidadores pela participação neste estudo e por permitirem um melhor conhecimento da sua realidade enquanto crianças e jovens em Lares de Infância e Juventude.

Às minhas amigas, nomeadamente à Inês, à Joana e à Filipa pelas infindáveis conversas sobre ‘a tese’, pelos discursos de motivação ao longo deste tempo, e acima de tudo, pela amizade de tantos anos; e a todos os meus restantes amigos pelo interesse demonstrado na realização deste trabalho.

Às minhas colegas de curso pela partilha de todas as experiências e pela ajuda, tanto ao longo do curso, como ao longo deste último ano, em que realizámos o Estágio e a Dissertação.

Um especial obrigada aos meus pais e irmão por me acompanharem em todas as etapas da minha vida e as viverem como se fossem deles e, acima de tudo, por me proporcionarem tudo o que me proporcionaram ao longo da minha vida, tanto pessoal como académica. Sem eles, não era metade da pessoa que sou hoje.

## **Perceção da Qualidade de Vida**

### **Um estudo sobre a perceção de Crianças e Jovens em Lares de Infância e Juventude**

#### **Resumo**

Sendo a qualidade de vida definida como “perceção do indivíduo da sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores, nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL GROUP, 1995, p.1405), torna-se importante valorizar a perspetiva da criança, estudando-a. O presente estudo tem como objetivo a compreensão da perceção da qualidade de vida de crianças e jovens, residentes em Lares de Infância e Juventude (LIJ), devido às adversidades pelas quais as suas vidas foram pautadas. Participaram 80 crianças e jovens, com idades compreendidas entre os 8 e 18 anos, de 6 LIJ, do Distrito do Porto, assim como os seus respetivos cuidadores. O instrumento utilizado foi o *Kidscreen 52*. Dos resultados obtidos, concluiu-se que existem diferenças entre a perceção das crianças e jovens acolhidas e as crianças e jovens da população portuguesa ao nível da saúde e atividade física, sentimentos, estado de humor geral, auto perceção, ambiente institucional, questões económicas e provocação. Quando comparadas a perceção das crianças e jovens e a perceção dos cuidadores, conclui-se que as crianças e jovens dos LIJ têm tendência a ter uma perceção mais positiva da sua qualidade de vida do que os cuidadores.

**Palavras-chave:** Perceção da qualidade de vida; crianças e jovens institucionalizadas; Lares de Infância e Juventude

## **Perceived Quality of Life**

### **A study about the perception of looked after children in Residential Care**

#### **Abstract**

Bearing in mind that the concept of quality of life is defined as "*the individual's perception of their position in life in the context of culture and value systems in which they live and in relation to their goals, expectations, standards and concerns*" (WHOQOL Group, 1995, p. 1405), it is important to study the quality of life not only of adults but also of young people. This study aims to understand the perception of the quality of life of children and young people who have been placed in Residential Care, due to the adversities that their lives have been guided through. This study included 80 children and young people aged between 8 and 18, of 6 residential homes, at Porto, as well as their respective caregivers. The instrument used was the *Kidscreen 52*. From the results, it was concluded that there are differences between the perceptions of looked after children and young people and children and youth of the Portuguese population at dimensions like Health and Physical Activity, Feelings, General Mood, Self-Perception, Institutional Environment and Neighborhood, Economic Issues and Provocation. When compared, children and young people tend to have a more positive perception of their quality of life than their residential caregivers.

**Keywords:** Perceived quality of life; looked after children; Residential Care

## Introdução

O interesse social pelo conceito da qualidade de vida tem vindo a aumentar significativamente, nas últimas décadas. A qualidade de vida encontra-se relacionada com todos os aspetos do bem-estar da vida do ser humano (físico, psicológico e social) e ainda inclui o seu ambiente (Harding, 2001, *cit in* Gaspar, Matos, Leal & Ravens-Sieberer, 2008), tratando-se, então, de um construto multidimensional relevante para todos (Gaspar, Matos, Leal & Ravens-Sieberer, 2008).

A definição mais comum do conceito subjetivo de qualidade de vida pertence à Organização Mundial de Saúde (OMS), entendida como a “perceção do indivíduo da sua posição na vida, no contexto da cultura e sistema de valores, nos quais ele vive e em relação aos seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações” (WHOQOL GROUP, 1995, p. 1405). Assim, fica, então, implícita a multidimensionalidade, por abranger diversas dimensões, a subjetividade, por variar de indivíduo para indivíduo, e a bipolaridade (dimensões positivas e negativas) do conceito.

Apesar de, como foi já referido, o interesse pelo estudo da qualidade de vida ter aumentado nas últimas décadas, o facto é que os estudos sobre este mesmo tema com crianças e jovens não têm sido regulares, tornando-se ainda mais pertinente a realização de outros estudos que valorizem a perceção das próprias crianças, tendo em conta que é um direito seu “*ter padrões de qualidade de vida adequados às suas necessidades físicas, mentais e de desenvolvimento social*” (Prebianchi, 2003, p. 59), de modo a dar um contributo para o seu bem-estar em todas as etapas da vida. Sendo o conceito de qualidade de vida muito abrangente, nele se inclui também o conceito da saúde. Assim, sendo as crianças e jovens os adultos do futuro, a saúde delas é, cada vez mais, reconhecida como um aspeto importante da saúde pública geral. Consequentemente, a adoção de abordagens relacionadas com a qualidade de vida pode ajudar a aumentar a compreensão sobre a saúde das crianças e jovens e a promover políticas que melhorem a saúde e o bem-estar (Fuh, Wang, Lu & Juang, 2005; Gaspar & Matos, 2008), assim como ouvindo a perspetiva das próprias crianças (Warming, 2003).

Talvez mais importante ainda do que estudar a perceção da qualidade de vida das crianças e jovens da população normativa, seja estudar a perceção da qualidade de vida das crianças e jovens que vivem fora do seu ambiente familiar, em instituições, na medida em que se tratam de crianças e jovens com um maior número de carências. Apesar de a família poder ser considerada, em algumas situações, como um fator de risco, ela é, *à priori*, um fator



protetor, sendo a sua estrutura determinante no desenvolvimento da criança e proporcionando um alicerce necessário à socialização da mesma (Poletto & Koller, 2008). No entanto, as crianças e os membros da sua família acabam por ser separados, não raras vezes, involuntariamente. Sendo esta separação um dos últimos recursos de proteção de uma criança, o facto é que acontece devido aos mais diversos problemas, como estar abandonada ou entregue a si própria, sofrer de maus tratos, não receber os cuidados necessários, estar sujeita a comportamentos que afetem, direta ou indiretamente, o seu desenvolvimento, a sua saúde, formação ou educação (Dec. Lei nº 147/99 de 1 de Setembro).

Em Portugal, de acordo com o Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens de 2012, nesse ano encontravam-se em acolhimento 8557 crianças e jovens; menos 381 do que no anterior. Inclusive, nos últimos anos, entre 2006 e 2012 verificou-se um decréscimo de 30,1%. Apesar deste decréscimo, torna-se, então, importante estudar a qualidade de vida destas crianças e jovens, na medida em que existe um número considerável de menores ao abrigo da medida de acolhimento, e porque as medidas de proteção devem, de acordo com a Lei, promover o bem-estar das crianças por elas abrangidas.

Não obstante, é, então, de facto, importante zelar pelo bem-estar destas crianças. Desde o Children Act, em 1989, em Inglaterra, o foco da preocupação com as crianças institucionalizadas referia-se ao espaço em que estavam inseridas, assim como à sua estabilidade e resultados individuais. Recentemente, o foco encontra-se na melhoria dos resultados de todas as crianças, independentemente do seu passado e circunstâncias, para que tenham o suporte que necessitam para serem saudáveis, estarem seguras, terem sucesso (McAuley & Davis, 2009).

De acordo com Ben-Arieh (2006), nas últimas décadas, os indicadores da qualidade de vida das crianças, em geral, sofreram grandes mudanças. Os primeiros indicadores tendiam a focar-se na sobrevivência da criança e no seu bem-estar futuro, enquanto os indicadores recentes se focam no seu bem-estar atual; tendiam a focar-se nos resultados negativos – atualmente focam-se também nos resultados positivos; focavam-se na perspetiva do adulto, enquanto agora têm também em consideração a perspetiva da própria criança. Estudos mostram que a perspetiva das crianças é importante porque difere da perspetiva dos adultos; mas também porque é necessário respeitar as crianças como pessoas (Melton & Limber, 1992, *cit in* Ben-Arieh, 2004).

O objetivo primordial das instituições que acolhem crianças, no que se refere à qualidade de vida, é diminuir a diferença entre os resultados das crianças em regime de acolhimento institucional e das crianças da população normativa (McAuley & Davis, 2009).

As crianças acolhidas são crianças que, como já referido, experienciaram, em algum momento, uma adversidade nas suas vidas, que as deixaram, então, com algumas dificuldades ao nível da saúde, saúde mental e promoção da saúde (Polnay & Ward, 2000).

Se as relações interpessoais das crianças, nomeadamente com os pais, são reconhecidas como fundamentais (Dvir, Weiner & Kupermintz, 2012), para as crianças que vivem em instituições, a importância das relações torna-se, em alguns aspetos, ainda mais crítica, nomeadamente quando se dá uma separação, sendo a relação familiar a maior razão pela qual muitas crianças são acolhidas (Gallagher & Green, 2012).

Assim, as relações sociais e as relações do indivíduo com o contexto em que está inserido fazem parte da definição de qualidade de vida. Num estudo realizado por Gallagher & Green (2012), os jovens adultos entrevistados, que viveram em instituições, referem ter sido capazes de desenvolver relações positivas com outros adultos, assim como com outras crianças, tanto dentro como fora da instituição, sendo essas relações também consideradas valiosas por eles. No entanto, a literatura refere que, como estas crianças, à partida, experienciaram relações que foram quebradas, têm, por vezes, comportamentos relacionais desorganizados (McAuley & Davis, 2009).

Os numerosos acontecimentos negativos na vida destas crianças fazem com que, frequentemente, se desenvolvam com grandes carências ao nível psicológico, nomeadamente ao nível afetivo (Gonçalves et al, 2005). De acordo com a Mental Health Foundation (2002), as crianças institucionalizadas são mais vulneráveis ao desenvolvimento de problemas de saúde mental do que as crianças da população normativa.

Entre as desvantagens que caracterizam a condição das crianças em acolhimento institucional, regista-se o seu baixo nível de escolaridade, tendo grandes consequências no seu futuro. De acordo com Jackson (1994), estas crianças estão, normalmente, em desvantagem em relação às crianças que vivem com as suas famílias, acabando por sair da escola com poucas qualificações. A sua educação é, assim, frequentemente, entendida como inadequada (Gallagher & Green, 2012).

Tratando-se de uma parte mais vulnerável da população, torna-se, então, importante conhecer a sua qualidade de vida através da sua própria perceção. Deste modo, pretende-se, com este trabalho, compreender como as crianças acolhidas em instituições se avaliam relativamente à qualidade de vida, dando foco às dimensões psicológicas, físicas, sociais e

ambientais, inerentes a este conceito. Para além da perceção das crianças, incluir-se-á também a perceção dos seus cuidadores, de modo a verificar se existe eventual convergência ou divergência de perspetivas.

Um estudo de Mortágua (2010) apresenta precisamente a perceção da qualidade de vida das crianças e adolescentes em contexto de acolhimento temporário, no distrito de Aveiro, em que se concluiu existirem diferenças entre a perceção da qualidade de vida das crianças e jovens acolhidas e a perceção da qualidade de vida das crianças e jovens da população portuguesa (Gaspar & Matos, 2008), ao nível das dimensões “Saúde e Atividade Física”, “Sentimentos”, “Estado de Humor Geral”, “Sobre si Próprio”, “Família e Ambiente Familiar”, “Questões Económicas” e “Provocação”, indicando que estes sujeitos revelam uma perceção significativamente inferior às crianças e jovens da população portuguesa. Assim, este estudo, filiado na mesma linha de investigação, pretende alargar a amostra, incluindo crianças e adultos de outras instituições, de maneira a conhecer um pouco melhor a realidade das crianças e adolescentes portugueses que vivem em regime de acolhimento.

## **Método**

Com o objetivo de estudar a qualidade de vida das crianças e jovens acolhidas em Lares de Infância e Juventude, este projeto de investigação pretende compreender a sua qualidade de vida ao nível de diferentes dimensões: Saúde e Atividade Física, Sentimentos, Estado de Humor Geral, Auto Perceção, Tempo Livre, Ambiente Institucional e Vizinhaça, Questões Económicas, Amigos, Ambiente Escolar e Aprendizagem e Provocação.

Para tal, este estudo tem então como principais objetivos verificar se existem diferenças entre a perceção da qualidade de vida das crianças e jovens em LIJ e a perceção das crianças e jovens da população portuguesa; verificar se existem diferenças ao nível da idade e do sexo; e, por fim, verificar se existem diferenças entre a perceção das crianças e jovens acolhidas e a perceção dos seus cuidadores, assim como analisar se essas diferenças vão ao encontro das diferenças entre a perceção das crianças e jovens acolhidas e a perceção dos cuidadores, na amostra de Mortágua (2010). É, no entanto, importante referir que o propósito inicial deste estudo era diferente, na medida em que tinha por objetivo comparar todas as variáveis em estudo com as da população portuguesa. No entanto, devido à falta de uma fórmula que converteria os resultados na mesma escala dos resultados da população portuguesa, não foi possível fazê-lo, à exceção da primeira hipótese, tornando-se, então, numa enorme limitação do presente estudo.

## **Participantes**

Participaram neste estudo 80 crianças e jovens, acolhidas em seis Lares de Infância e Juventude (LIJ) do distrito do Porto, de ambos os sexos, e 18 profissionais nestas instituições, prestadores de cuidados a essas mesmas crianças (cuidadores de referência).

Relativamente às crianças/jovens, são predominantemente do feminino (61.25%) e a média das idades é de 13.64 anos, com  $DP = 2.393$ .

Foram incluídos no estudo todas as crianças e jovens, com processo em EMAT (Equipa Multidisciplinar de Assessoria ao Tribunal) que tivessem entre 8 e 18 anos e se encontrassem a residir na Instituição há mais de 6 meses. Ficou, então, definido, que apenas entrariam para a amostra crianças e adolescentes que tivessem processo em EMAT. Este critério foi definido por motivo de acessibilidade, no sentido em que existia um acesso direto aos processos das crianças e jovens, através da Equipa Multidisciplinar de Assessoria aos Tribunais, do Instituto de Segurança Social do Porto, o que veio a limitar o alargamento do estudo de Mortágua (2010). Foram também definidos como critérios de exclusão a nacionalidade estrangeira, assim como o diagnóstico de deficiência intelectual, por poder dificultar a compreensão e o preenchimento do questionário. A seleção dos cuidadores de referência foi feita por cada uma das instituições, tendo em conta que cada criança/jovem tem um cuidador previamente definido.

Não obstante o N da amostra, verificou-se a sua distribuição normal, através do teste Kolmogorov-Smirnov, no sentido de assegurar a base da inferência da amostra para a população que representa e orientar a utilização de estatísticas paramétricas ou não paramétricas.

## **Instrumentos**

Foi aplicado o *Kidscreen 52 – versão crianças e adolescentes* –, às crianças e jovens e o *Kidscreen 52 – versão pais*, aos cuidadores de referência dessas crianças e jovens.

O Kidscreen 52 é um instrumento desenvolvido pela Comissão Europeia, no âmbito do projeto “*Screening for and Promotion of Health-Related Quality of Life in Children and Adolescents – a European Public Health perspective*”, dentro do programa “*Research and Technological Development: Activities of a Generic Nature*”. Trata-se de um instrumento, de índole transcultural, que avalia a qualidade de vida relacionada com a saúde de crianças e jovens, constituído por 10 dimensões: saúde e atividade física, sentimentos, estado de humor

geral, auto percepção, tempo livre, família e ambiente familiar, questões económicas, amigos, ambiente escolar e aprendizagem, provocação.

O *Kidscreen 52 – versão crianças e adolescentes* – é um instrumento de autopreenchimento, direcionado a jovens com idades compreendidas entre os 8 e os 18 anos, cujo tempo de aplicação é de, aproximadamente, 10 a 15 minutos.

O *Kidscreen 52 – versão pais* – é um questionário análogo à versão crianças e adolescentes, também de autopreenchimento, que avalia as mesmas dimensões da qualidade de vida relacionada com a saúde, relativamente à criança. No caso deste estudo, o *Kidscreen 52 – versão pais* - foi aplicado aos cuidadores de referência das crianças e jovens, por serem as pessoas que melhor conhecem as crianças e jovens dentro da instituição.

No que diz respeito à validação das qualidades psicométricas dos instrumentos de avaliação, a fidelidade é expressa sob a forma de um coeficiente de correlação ( $r$ ), sendo que a variação aceitável se situa entre .70 e .90. Neste seguimento, Pestana e Gageiro (2008) consideram que um alfa superior a .90 é encarado como muito bom, entre .80 e .90 é bom, entre .70 e .80 é razoável, entre .60 e .70 é fraco e inferior a .60 é tido como inadmissível. Assim, a propriedade supracitada foi estimada segundo a consistência interna, nomeadamente através do alfa de *Cronbach*, que possibilitou conferir a homogeneidade dos itens de cada versão do Instrumento.

Relativamente aos Instrumentos *Kidscreen 52* versão crianças e adolescentes e versão pais, as suas consistências internas foram de .89 e .87, respetivamente, o que evidencia que as duas versões do Inventário manifestam bastante exatidão.

Quanto às dimensões que o constituem, Saúde e Atividade Física (.82), Sentimentos (.89), Estado de Humor Geral (.78), Auto-Percepção (.41), Tempo Livre (.86), Ambiente Institucional e Vizinhança (.81), Questões Económicas (.87), Amigos (.79), Ambiente Escolar e Aprendizagem (.86) e Provocação (.82), na versão crianças e adolescentes apenas a referente à Auto-Percepção apresenta um valor de alfa considerado como inaceitável, enquanto as restantes são caracterizadas como fiáveis.

No que toca à consistência interna das dimensões da versão cuidadores, as mesmas alcançaram um alfa de .90 (Saúde e Atividade Física), .87 (Sentimentos), .90 (Estado de Humor Geral), .20 (Auto-Percepção), .87 (Tempo Livre), .89 (Ambiente Institucional e Vizinhança), .94 (Questões Económicas), .85 (Amigos), .92 (Ambiente Escolar e Aprendizagem) e .90 (Provocação), podendo considerar-se, na sua globalidade, uma versão consistente.

## **Procedimento**

Para a realização deste estudo, procedeu-se, num primeiro momento, ao levantamento do número de Lares de Infância e Juventude (LIJ) existentes no distrito do Porto, cuja população acolhida compreendesse a faixa etária entre os 8 e os 18 anos de idade, junto do Centro Distrital de Segurança Social do Porto.

Identificados os LIJ, foi estabelecido um contacto prévio com o diretor/coordenador de cada instituição, através de um pedido escrito formal, com o objetivo de informar acerca do propósito do estudo, os seus fundamentos e método, garantindo também o anonimato dos dados recolhidos.

Após a definição da amostra, através do levantamento do número de crianças e jovens com processo em EMAT, nas Instalações da Segurança Social do Porto, realizado manualmente através dos *dossiers* do Relatório de Caracterização Anual da Situação de Acolhimento de Crianças e Jovens, tendo demorado por volta de duas semanas, foi, então, aplicado o questionário *Kidscreen 52 – versão para crianças e adolescentes*. Após a aplicação do questionário às crianças e adolescentes foi aplicado aos cuidadores de referência o questionário *Kidscreen 52 – versão pais*.

## **Resultados**

A análise estatística dos dados recolhidos no âmbito do corrente estudo foi efetuada através do programa *Statistical Package for the Social Sciences* (S.P.S.S.).

Para as análises executadas usaram-se testes paramétricos e, com o objetivo de se averiguar a existência de significâncias estatísticas, recorreu-se à análise inferencial, aceitando como significativamente estatísticas todas as diferenças com valores de probabilidade inferiores a .05.

Procedeu-se, deste modo, à comparação de condições, resultantes da consideração:

- De a amostra pertencente à investigação ser proveniente de um universo com uma determinada média, tendo-se recorrido a testes t de *Student* para uma amostra, uma vez que se pretende verificar se a amostra das crianças/jovens do distrito do Porto deriva da população normativa na hipótese 1 e se se comporta de forma similar com a amostra do distrito de Aveiro na hipótese 4 (perceção da qualidade de vida das crianças/jovens do Porto relativamente às de Aveiro e perceção da qualidade de vida dos respetivos educandos por parte dos cuidadores do Porto perante os de Aveiro);
- De diferentes grupos sociodemográficos através do cálculo de testes t de *Student* para amostras independentes nas hipóteses 1, 2, 3 e 4 (comparação de dois grupos; e.g.,

crianças/jovens do distrito do Porto e crianças/jovens do distrito de Aveiro, faixa etária, género, crianças/jovens e cuidadores).

**Hipótese 1:** Existem diferenças entre a perceção da qualidade de vida das crianças/jovens em Lares de Infância e Juventude do distrito do Porto face à perceção da qualidade de vida das crianças e jovens do distrito de Aveiro e à da população normativa.

De acordo com a análise da Tabela 1, constata-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre as crianças/jovens de Lares de Infância e Juventude sediados no distrito do Porto e as que se encontram em Lares no distrito de Aveiro nas dimensões “estado de humor geral”, “auto perceção”, “ambiente institucional e vizinhança” e “provocação”. Neste sentido, é o primeiro grupo referenciado que exhibe valores mais elevados, revelando, deste modo, bom humor, autoconfiança, boa autoestima e satisfação quanto à sua imagem corporal. Apresentam, igualmente, uma maior segurança, apoio e compreensão por parte dos seus cuidadores, sentem-se aceites e confiam no seu grupo de pares.

Tabela 1

*Diferenças na Perceção da Qualidade de Vida entre as Crianças/Jovens em Lares de Infância e Juventude do Distrito do Porto e as do Distrito de Aveiro*

Dimensões	Média Crianças/Jovens do Distrito do Porto	Desvio-Padrão Crianças/Jovens do Distrito do Porto	Média Crianças/Jovens do Distrito de Aveiro	Desvio-Padrão Crianças/Jovens do Distrito de Aveiro	t	Sig.
Saúde e Atividade Física	18.30	4.413	17.2	4.43	1.358	.177
Sentimentos	22.90	6.127	22.8	4.99	.148	.833
Estado de Humor Geral	24.00	5.979	14.8	6.15	8.532	<b>.000</b>
Auto-Perceção	18.39	4.439	15.3	4.05	4.054	<b>.000</b>
Tempo Livre	19.49	4.886	19.5	4.65	.030	.976
Ambiente Institucional e Vizinhança	22.36	5.535	17.1	5.85	5.260	<b>.000</b>
Questões Económicas	9.33	4.041	8.4	3.99	1.289	.200
Amigos	24.04	4.810	24.0	5.68	.000	1.000
Ambiente Escolar e Aprendizagem	21.81	5.454	22.5	6.61	-.633	.528
Provocação	11.51	3.585	5.0	2.77	11.691	<b>.000</b>

Constata-se, ainda, através da Tabela 2, que a percepção da qualidade de vida das crianças/jovens em Lares de Infância e Juventude comparativamente à da população portuguesa apresenta diferenças estatisticamente significativas na maioria das dimensões, com exceção das respeitantes ao “tempo livre”, “amigos e ambiente escolar” e “aprendizagem”, o que levou, por conseguinte, à aceitação parcial desta hipótese. Ressalva-se que os dados referentes à população portuguesa foram consultados em Gaspar e Matos (2008).

Assim, as crianças/jovens que se encontram em Lares de Infância e Juventude são as que detêm os valores médios mais baixos, isto é, tendem a sentir-se mais exaustas fisicamente, revelando terem menos energia; estão mais insatisfeitas para com a vida, mais deprimidas e com mau humor; possuem uma imagem corporal menos positiva, uma baixa autoestima, estando igualmente desconfortáveis com a sua aparência. Verifica-se, ainda, que se sentem mais sozinhas e os cuidadores são percecionados como pouco disponíveis; afirmam estar restringidas e dependentes, no que ao nível económico diz respeito; e, por fim, sentem que o grupo de pares as atormenta, provoca e rejeita mais.

Tabela 2

*Diferenças na Percepção da Qualidade de Vida entre as Crianças/Jovens em Lares de Infância e Juventude do Distrito do Porto e as da População Normativa*

Dimensões	Média	Erro Padrão	Desvio-Padrão	Média da População Normativa	t	Sig.
Saúde e Atividade Física	18.30	.493	4.413	19.34	-2.108	<b>.038</b>
Sentimentos	22.90	.685	6.127	25.22	-3.387	<b>.001</b>
Estado de Humor Geral	24.00	.668	5.979	28.52	-6.762	<b>.000</b>
Auto-Percepção	18.39	.496	4.439	19.72	-2.685	<b>.009</b>
Tempo Livre	19.49	.546	4.886	20.29	-1.469	.146
Ambiente Institucional e Vizinhança	22.36	.619	5.535	25.22	-4.617	<b>.000</b>
Questões Económicas	9.33	.455	4.041	11.91	-5.677	<b>.000</b>
Amigos	24.04	.541	4.810	24.49	-.835	.406
Ambiente Escolar e Aprendizagem	21.81	.614	5.454	22.71	-1.467	.147
Provocação	11.51	.406	3.585	12.60	-2.678	<b>.009</b>

**Hipótese 2:** Existem diferenças significativas na percepção da qualidade de vida das crianças/jovens em Lares de Infância e Juventude do distrito do Porto ao nível da faixa etária.

No que diz respeito à diferenciação entre crianças (8-11 anos) e jovens (12-18 anos) quanto à percepção da qualidade de vida, verifica-se, tal como indicado na Tabela 3, que se obtiveram resultados estatisticamente significativos nas dimensões “estado de humor geral”,



“auto percepção”, “tempo livre” e “ambiente escolar e aprendizagem”, sendo que são as crianças que ostentam os resultados mais elevados.

Deste modo, os participantes mais novos revelam sentir-se bem e com bom humor; caracterizam-se como autoconfiantes, satisfeitos com a sua imagem corporal e apresentam uma boa autoestima. Referem ter liberdade de escolha, autossuficiência, independência e assumem que têm uma boa competência académica, encontrando-se confortáveis no contexto escolar. Já no que se refere aos jovens, os mesmos percebem-se como mais infelizes e deprimidos, possuem uma baixa autoestima e uma imagem corporal negativa, estando insatisfeitos e desconfortáveis com a sua aparência. Afirmam ser oprimidos e dependentes quanto à gestão do seu tempo social e de lazer e, no que diz respeito ao contexto académico, nutrem sentimentos negativos e consideram que têm uma competência escolar diminuta.

Tabela 3

*Diferenças na Percepção da Qualidade de Vida entre as Faixas Etárias 8-11 Anos e 12-18 Anos das Crianças/Jovens do Distrito do Porto*

Dimensões	8-11 Anos		12-18 Anos		t	Sig.
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão		
Saúde e Atividade Física	19.67	5.219	17.98	4.189	1.337	.185
Sentimentos	24.80	5.102	22.46	6.293	1.339	.184
Estado de Humor Geral	26.87	3.852	23.34	6.206	2.805	<b>.008</b>
Auto-Percepção	20.60	3.738	17.88	4.456	2.192	<b>.031</b>
Tempo Livre	23.27	2.463	18.62	4.901	5.287	<b>.000</b>
Ambiente Institucional e Vizinhança	22.80	4.945	22.26	5.693	.338	.736
Questões Económicas	9.53	4.274	9.28	4.018	.216	.829
Amigos	26.20	3.167	23.53	5.005	1.959	.053
Ambiente Escolar e Aprendizagem	24.67	5.314	21.14	5.306	2.316	<b>.023</b>
Provocação	11.47	3.399	11.52	3.654	-.055	.956

**Hipótese 3:** Existem diferenças na percepção da qualidade de vida das crianças/jovens em Lares de Infância e Juventude do distrito do Porto ao nível do género.

Constata-se que os resultados obtidos na diversidade de dimensões que constituem a percepção da qualidade de vida não evidenciam diferenças expressivas, sob o ponto de vista estatístico, entre rapazes e raparigas (Tabela 4).

Neste sentido, concluiu-se que não existem divergências significantes na percepção de qualidade de vida entre os dois grupos em análise.

Tabela 4

*Diferenças na Perceção da Qualidade de Vida entre Rapazes e Raparigas dos Lares de Infância e Juventude do Distrito do Porto*

Dimensões	Género Masculino		Género Feminino		t	Sig.
	Média	Desvio-Padrão	Média	Desvio-Padrão		
Saúde e Atividade Física	19.03	4.167	17.84	4.543	1.183	.240
Sentimentos	23.97	6.696	22.22	5.705	1.244	.217
Estado de Humor Geral	24.29	7.345	23.82	5.003	.344	.732
Auto-Perceção	19.42	4.581	17.73	4.266	1.672	.098
Tempo Livre	19.81	5.528	19.29	4.481	.462	.645
Ambiente Institucional e Vizinhança	22.77	5.626	22.10	5.520	.527	.600
Questões Económicas	9.68	3.763	9.10	4.234	.613	.542
Amigos	24.55	5.322	23.71	4.477	.756	.452
Ambiente Escolar e Aprendizagem	23.19	5.582	20.92	5.234	1.839	.070
Provocação	10.77	4.129	12.00	3.128	-1.490	.140

**Hipótese 4:** Existem diferenças entre a perceção da qualidade de vida das crianças/jovens da amostra do Porto face aos respetivos cuidadores.

Como se pode verificar pela análise da Tabela 5 e tendo em consideração que, para cada criança/jovem que participou na presente investigação, se obteve igualmente as respostas de um(a) cuidador(a) correspondente, através do Teste t para amostras independentes pretende-se perceber se existem diferenças acerca da perceção da qualidade de vida entre ambos os grupos. Neste sentido, é possível confirmar a presença de diferenças estatisticamente significativas nas dimensões “Estado de Humor Geral”, “Amigos” e “Ambiente Escolar e Aprendizagem”, sendo que em todas as dimensões referidas anteriormente, à exceção da relativa ao “Estado de Humor Geral”, são as crianças/jovens que auferem valores superiores.

Deste modo, as crianças/jovens revelam sentir-se aceites, apoiadas e incluídas no correspondente grupo de pares; apreciam a vida académica e declaram que têm uma boa capacidade escolar. No entanto, segundo a opinião dos respetivos cuidadores, encontram-se deprimidas e com mau humor.

Tabela 5

*Diferenças na Perceção da Qualidade de Vida entre as Crianças/Jovens do Distrito do Porto e os respetivos Cuidadores*

Dimensões	Média Crianças/Jovens da Amostra	Desvio-Padrão Crianças/Jovens da Amostra	Média Cuidadores da Amostra	Desvio-Padrão Cuidadores da Amostra	t	Sig.
Saúde e Atividade Física	18.30	4.413	17.86	3.768	-.675	.501
Sentimentos	22.90	6.127	21.62	3.662	-1.604	.111
Estado de Humor Geral	24.00	5.979	28.04	5.005	4.598	<b>.000</b>
Auto-Perceção	18.39	4.439	17.44	3.222	-1.545	.125
Tempo Livre	19.49	4.886	18.25	3.710	-1.796	.075
Ambiente Institucional e Vizinhança	22.36	5.535	22.32	4.208	-.059	.953
Questões Económicas	9.33	4.041	9.11	3.359	-.372	.710
Amigos	24.04	4.810	21.49	4.025	-3.605	<b>.000</b>
Ambiente Escolar e Aprendizagem	21.81	5.454	19.70	5.057	-2.526	<b>.013</b>
Provocação	11.51	3.585	12.01	2.899	.958	.340

**Hipótese 5:** Existem diferenças entre a perceção da qualidade de vida das crianças/jovens e cuidadores da amostra do Porto face aos resultados da amostra de crianças/jovens e respetivos cuidadores de Aveiro.

No que concerne à Tabela 6, respeitante à comparação dos resultados da perceção da qualidade de vida das crianças/jovens e cuidadores da amostra do presente estudo com os das crianças/jovens e cuidadores de uma amostra de Aveiro (Mortágua, 2010), constata-se que existem diferenças estatisticamente significativas entre:

- A amostra de crianças/jovens do Porto relativamente às crianças/jovens de Aveiro nas dimensões saúde e atividade física, estado de humor geral, auto-perceção, ambiente institucional e vizinhança, questões económicas e provocação, nas quais as crianças/jovens do Porto manifestam valores superiores. Deste modo, as crianças/jovens residentes no distrito do Porto consideram que apresentam uma boa forma física, são ativas, saudáveis e energéticas; sentem-se bem e têm bom humor; experimentam compreensão, apoio e disponibilidade por parte dos cuidadores. Afirmam, ainda, que se encontram satisfeitas com os correspondentes recursos financeiros e que se sentem respeitadas e aceites pelo grupo de pares;
- Os cuidadores do Porto e os de Aveiro nas dimensões saúde e atividade física, estado de humor geral, auto-perceção, tempo livre, ambiente institucional e vizinhança, questões económicas e provocação, sendo os cuidadores do Porto aqueles que

percecionam que as suas crianças/jovens apresentam uma melhor qualidade de vida nas dimensões referidas anteriormente. Neste seguimento, de acordo com a opinião dos cuidadores do Porto, as crianças/jovens ao seu cuidado são mais ativas, saudáveis, bem-humoradas, autoconfiantes, com boa autoestima e com uma perceção satisfatória, quer da sua imagem corporal, quer da sua aparência. Indicam, igualmente, que as mesmas se sentem independentes, autónomas, que os respetivos cuidadores as compreendem, apoiam e amam, não possuindo obstáculos relativamente a questões económicas. Por fim, encaram que os seus educandos são respeitados e aceites pelos seus amigos.

Assim, os resultados encontrados originaram a confirmação da hipótese supracitada.

Tabela 6

*Diferenças na Perceção da Qualidade de Vida entre as Crianças/Jovens e os Cuidadores da Amostra do Porto e as Crianças/Jovens e Cuidadores da Amostra de Aveiro*

Dimensões	Média Crianças/Jovens da Amostra do Porto (Amostra de Aveiro)	Desvio-Padrão Crianças/Jovens da Amostra do Porto (Amostra de Aveiro)	t	Sig.	Média Cuidadores da Amostra do Porto (Amostra de Aveiro)	Desvio-Padrão Cuidadores da Amostra do Porto (Amostra de Aveiro)	t	Sig.
Saúde e Atividade Física	18.30 (17.2)	4.413 (4.43)	2.229	<b>.029</b>	17.86 (16.7)	3.768 (5.01)	2.738	<b>.008</b>
Sentimentos	22.90 (22.8)	6.127 (4.99)	.146	.884	21.62 (21.3)	3.662 (4.71)	.761	.449
Estado de Humor Geral	24.00 (14.8)	5.979 (6.15)	13.763	<b>.000</b>	28.04 (15.5)	5.005 (5.43)	22.125	<b>.000</b>
Auto-Perceção	18.39 (15.3)	4.439 (4.05)	6.220	<b>.000</b>	17.44 (14.3)	3.222 (3.07)	8.597	<b>.000</b>
Tempo Livre	19.49 (19.5)	4.886 (4.65)	-.023	.982	18.25 (16.7)	3.710 (3.82)	3.658	<b>.000</b>
Ambiente Institucional e Vizinhança	22.36 (17.1)	5.535 (5.85)	8.504	<b>.000</b>	22.32 (20.0)	4.208 (4.64)	4.893	<b>.000</b>
Questões Económicas	9.33 (8.4)	4.041 (3.99)	2.044	<b>.044</b>	9.11 (7.9)	3.359 (2.60)	3.111	<b>.003</b>
Amigos	24.04 (24.0)	4.810 (5.68)	.070	.944	21.49 (20.6)	4.025 (4.40)	1.973	.052
Ambiente Escolar e Aprendizagem	21.81 (22.5)	5.454 (6.61)	-1.124	.264	19.70 (20.3)	5.057 (4.87)	-1.061	.292
Provocação	11.51 (5.0)	3.585 (2.77)	16.046	<b>.000</b>	12.01 (5.6)	2.899 (2.02)	19.539	<b>.000</b>

## Discussão dos Resultados

De modo a compreender efetivamente a qualidade de vida das crianças e jovens é necessário colocá-las a elas próprias no centro dos estudos, pois as suas perspetivas são uma mais-valia para essa compreensão (Fattore, Mason & Watson, 2007), dando foco às dimensões psicológicas, físicas, sociais e ambientais. Para tal, através do instrumento de

avaliação da qualidade de vida relacionada com a saúde *Kidscreen 52* – versão portuguesa (Gaspar & Matos, 2008) e tendo como referência os seus resultados, assim como os resultados de um estudo análogo com crianças e jovens acolhidos em instituições (Mortágua, 2010), procedeu-se à avaliação da perceção da qualidade de vida destas mesmas crianças e jovens, que residem em Lares de Infância e Juventude, no Distrito do Porto.

Assim, de uma forma global, e através do que se verificou com a comparação entre o grupo de crianças e jovens acolhidos e o grupo de crianças e jovens da população portuguesa, pode-se concluir que existem diferenças significativas entre as suas perceções.

No estudo de Mortágua (2010), concluiu-se que existiam diferenças entre a sua amostra ao nível das dimensões “Saúde e Atividade Física”, “Sentimentos”, “Estado de Humor Geral”, “Sobre si próprio”, “Ambiente Institucional e Vizinhança”, “Questões Económicas” e “Provocação” quando comparada com a amostra da população portuguesa, indicando, deste modo, que a perceção da qualidade de vida das crianças e jovens em casas de acolhimento é inferior à perceção das restantes crianças e jovens.

À semelhança do estudo supracitado, apesar de possuir diferenças estatisticamente significativas com o presente estudo e as crianças e jovens em Lares de Infância e Juventude do Distrito do Porto terem uma perceção mais positiva da qualidade de vida do que as crianças e jovens da amostra de Aveiro, as conclusões apontam precisamente para as diferenças existentes entre as crianças e jovens acolhidos em Lares de Infância e Juventude e as crianças e jovens da população portuguesa ao nível das mesmas dimensões. Deste modo, não existem diferenças significativas entre a perceção das crianças e jovens acolhidos e as crianças e jovens da população portuguesa apenas ao nível das dimensões “Tempo Livre”, “Amigos” e “Ambiente Escolar e Aprendizagem”.

Assim, as crianças e jovens acolhidos vêm as suas vidas pautadas por sentimentos mais negativos que as restantes, não se sentindo fisicamente ativos, e sentindo um desprazer com a vida, aparentando serem mais deprimidos, infelizes e com uma baixa autoestima.

A família, sendo considerada um alicerce para o desenvolvimento e socialização das crianças (Poletto & Koller, 2008), foi, no caso destas crianças e jovens, substituída, pelo menos temporariamente, pelos Lares de Infância e Juventude. No entanto, nestes locais, as crianças e jovens acabam por se sentir sozinhas e incompreendidas pelos seus cuidadores, percebendo-os como pouco disponíveis e injustos, fazendo-as sentir negligenciadas e não apreciadas.

Uma questão tão importante como as restantes para a avaliação da perceção da qualidade de vida refere-se à questão económica (Fattore, Mason & Watson, 2007). Se a

criança/jovem compreende que não tem os recursos financeiros para poder usufruir de um estilo de vida comparável com os seus pares, acabará por sentir uma grande desvantagem (Gaspar & Matos, 2008), tendo uma grande influência na relação com os mesmos, conduzindo a sentimentos menos positivos na avaliação de si própria.

No entanto, e por outro lado, estas crianças têm uma boa perceção acerca do grupo de pares, com os quais se sentem aceites, apoiadas e incluídas no grupo, assim como se sentem satisfeitos na escola e apreciam a vida escolar, o que vai ao encontro das conclusões do estudo de Dell’Aglia & Hutz (2004), referente ao desempenho e satisfação escolar dos adolescentes acolhidos em instituições, que não aponta diferenças significativas entre essa população e a população normativa.

No que diz respeito à faixa etária, apontam-se algumas diferenças entre as crianças (8-11 anos) e os adolescentes (12-18 anos), nomeadamente ao nível das dimensões “Estado de Humor Geral”, “Auto-perceção”, “Tempo Livre” e “Ambiente Escolar e Aprendizagem”, verificando-se que são as crianças que têm uma melhor perceção da sua qualidade de vida. No entanto, no estudo realizado por Mortágua (2010), a idade não parece influenciar a perceção da qualidade de vida, assim como o género não aparenta ter qualquer influência, à semelhança do presente estudo, onde, de facto, não existem diferenças significativas entre a perceção das crianças e jovens do sexo feminino e as do sexo masculino.

As evidências refletem precisamente o oposto na população normativa (Fuh, Wang, Lu & Juang, 2005), referindo que as jovens adolescentes do sexo feminino têm tendência para terem uma perceção da qualidade de vida mais baixa do que os jovens do sexo oposto, assim como das crianças entre os 8 e os 11 anos de idade. O estudo de Gaspar & Matos (2008) corrobora estas evidências, referindo que existem diferenças significativas entre o grupo das crianças e o grupo dos adolescentes, tendo as crianças uma melhor perceção da qualidade de vida, assim como aponta para diferenças significativas entre os géneros, referindo que as crianças e jovens do sexo feminino têm valores mais elevados na perceção da qualidade de vida.

De modo a compreender se existiam, ou não, diferenças entre a perceção das crianças e jovens e a perceção dos seus cuidadores, fez-se uma comparação de ambos os resultados. Assim, concluiu-se que as crianças e jovens em LIJ, do Porto, têm uma perceção mais positiva da sua qualidade de vida ao nível das dimensões “Sentimentos”, “Auto Perceção”, “Tempo Livre”, “Amigos” e “Ambiente Escolar e Aprendizagem”. Estes resultados vão ao encontro dos resultados de Mortágua (2010), em que se concluiu que, de facto, as crianças e

jovens têm uma percepção mais positiva do que os seus cuidadores ao nível das dimensões “Tempo Livre”, “Amigos” e “Ambiente Escolar e Aprendizagem”.

Ao contrário dos resultados deste estudo, um estudo de Davidson-Arad et al. (2004) refere que as crianças e jovens acolhidas em instituições percecionam de uma forma mais negativa do que os seus cuidadores todas as áreas psicológicas, o que apenas se verifica ao nível da dimensão “Estado de Humor Geral”, em que de facto os cuidadores consideram que as crianças e jovens se sentem bem e com bom humor, ao contrário do que elas próprias pensam.

Não obstante às diferenças estatisticamente significativas entre a percepção da qualidade de vida das crianças e jovens em LIJ, do Porto, e os seus cuidadores e às diferenças estatisticamente significativas entre as crianças e jovens da amostra de Aveiro e os seus cuidadores, o facto é que existem ainda diferenças significativas entre ambas as amostras, demonstrando as crianças e jovens em LIJ do Porto, assim como os seus cuidadores, possuírem uma percepção da qualidade de vida mais positiva do que as crianças e jovens de Aveiro e seus cuidadores. Deste modo, a percepção da qualidade de vida das crianças e jovens pode, portanto, variar de instituição para instituição, apesar de ser, em ambas, inferior à percepção da qualidade de vida da população normativa.

## **Conclusões**

De uma forma geral pode-se, então, concluir que as crianças e jovens acolhidos em Lares de Infância e Juventude têm uma percepção menos positiva da sua qualidade de vida do que as crianças e jovens da população portuguesa. Para além disso, note-se que, à semelhança do estudo com crianças e jovens portugueses de Gaspar & Matos (2008) existem diferenças, apesar de em diferentes dimensões, entre a percepção das crianças e jovens e a percepção dos seus cuidadores.

Apesar das diversas limitações ao longo do projeto, foi bastante interessante a realização deste trabalho, na medida em que de uma maneira alternativa se estudou, ainda assim, a percepção da qualidade de vida destas crianças e jovens que, em determinado momento das suas vidas, se viram colocadas noutra lar, que não o seu, rodeadas de crianças e jovens das suas idades. E apesar das dificuldades, o certo é que muitas destas crianças são bastante resilientes e, possivelmente, conseguirão fazer o melhor das suas vidas, acabando por se tornar pessoas independentes e autónomas.

Como sugestão de estudos futuros, e tendo em conta que o presente estudo, no Distrito do Porto, é análogo ao de Mortágua (2010), acerca do Distrito de Aveiro, talvez se torne relevante estudar os restantes distritos porque, de facto, será a melhor maneira de conhecer a realidade das crianças e jovens acolhidas, tanto em Lares de Infância e Juventude como em Centros de Acolhimento Temporário, acerca da sua perceção da qualidade de vida, de modo, a que talvez, futuramente, sejam criados projetos que tragam melhorias da qualidade de vida destas crianças, aproximando-a à das crianças e jovens da população normativa, diminuindo, então, as diferenças entre elas.

### **Referências Bibliográficas**

- Ben-Arieh, A. (2004). Where are the children? Children's role in measuring and monitoring their well-being. *Social Indicators Research*, 74, 573–596.
- Ben-Arieh, A. (2006). Measuring and monitoring the well-being of children around the world. *Education for All Global Monitoring Report 2007*
- Davidson-Arada, B., Dekel, Rachel & Wozner, Y. (2003). Correspondence in resident's and staff member's assessments of the quality of life of children in residential care facilities. *Social Indicators Research*, 68, 77-89.
- Dell'Aglio, D.D. e Hutz, C.S. (2004). Depressão e Desempenho Escolar em Crianças e Adolescentes Institucionalizados. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 17 (3), 341-350.
- Dvir, O., Weiner, A. & Kupermintz, H. (2012). Children in Residential Group Care With No Family Ties: Facing Existential Aloneness. *Residential Treatment For Children & Youth*, 29(4), 282-304.
- Fattore, T., Mason, J. & Watson, E. (2007). Children's Conceptualisation(s) of their Well-being. *Social Indicators Research*, 80, 5-29.



- Fuh, J. L., Wang, S. J., Lu, S. R. & Juang, K. D. (2005). Assessing quality of life for adolescents in Taiwan. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, 59, 11–18.
- Prebianchi, H. (2003). Medidas de qualidade de vida para crianças: aspectos conceituais e metodológicos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 5(1), 57-69
- Gallagher, B. & Green, A. (2012). In, out and after care: Young adults' views on their lives, as children, in a therapeutic residential establishment. *Children and Youth Services Review*, 34 (2), 437-450.
- Gaspar, T. & Matos, M. G. (2008). Qualidade de vida em crianças e adolescentes: versão portuguesa dos instrumentos Kidscreen 52. *Aventura Social e Saúde*.
- Warming, H. (2003). The Quality of life from Children's Perspective. *International Journal of Public Administration*, 26(7), 815-829.
- Jackson, S. (1994) Educating children in residential and foster care. *Oxford Review of Education*, 20(3): 267-279
- Lei n.º 147/99, de 1 de Setembro. Lei de protecção de crianças e jovens em perigo. *Diário da República - I Série A*, 204.
- McAuley, C. & Davis, T. (2009). Emotional well-being and mental health of looked after children in England. *Child and Family Social Work*, 14, 147-155.
- Mental Health Foundation (2002) *The Mental Health of Looked After Children – Bright Futures: Working with Vulnerable Young People*. Mental Health Foundation, London.
- Mortágua, A. (2010). A Percepção da Qualidade de Vida da Criança / Adolescente em Contexto de Acolhimento Temporário. Dissertação de Mestrado, Escola de Psicologia – Universidade do Minho, Portugal

Pestana, M.H., & Gageiro, J.N. (2008). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A Complementaridade do SPSS* (5ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo, Lda.

Plano de Intervenção Imediata – Relatório de Caracterização das Crianças e Jovens em Situação de Acolhimento em 2012, ISS.

Polnay, L. & Ward, H. (2000). Promoting the health of looked after children. *British Medical Journal*. 320: 661-662.

Poletto, M. & Koller, S. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia*, 25(3), 405-416.

The WHOQOL Group 1995. The World Health Organization quality of life assessment (WHOQOL): position paper from the World Health Organization. *Social Science and Medicine* 10:1403-1409.